

O BRAILLE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA BREVE REFLEXÃO A PARTIR DO CURTA METRAGEM “AS CORES DAS FLORES”

BRAILLE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: A BRIEF REFLECTION FROM THE SHORT FILM “THE COLORS OF FLOWERS”

Rivaldo Vicente da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, BA, Brasil. E-mail: rivaldovicente@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v1i3.35>

Recebido em: 16.10.2020

Aceito em: 10.12.2020

Resumo: Este artigo trata da importância do Braille no campo da Educação Física, em especial, na Escola Municipal Renato Viana, com duas alunas do 7º Ano de baixa visão, correspondente ao fundamental II, no município de Anagé, Bahia. Dessa maneira, proponho como objetivo geral: analisar como está sendo utilizada a Língua Brasileira de Sinais (Braille) na Rede Regular de Ensino, da Escola de ensino fundamental II, no município de Anagé – Bahia. Nesse contexto, ainda apresento um relato de uma professora cega, funcionária da ACIDE (Associação Conquistense de Integração do Deficiente), na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, a qual me faz colocar em cena o seu relato de vida, dando inspiração à seção: “Vivendo num Mundo sem Luz”. Assim, ofereço a história contida no curta-metragem “As Cores das Flores” como um *Operador Cognitivo*, à luz de Edgar Morin (2000), o que me levou à compreensão da condição humana no processo ensino e aprendizagem, bem como as experiências da prática docente que acredito contribuirão para a melhoria do ensino de braille nas aulas de Educação Física do referido município. A pesquisa seguiu metodologia de abordagem qualitativa com as seguintes etapas: A) Período Exploratório B) Investigação Focalizada; C) Análise Final D) Elaboração de uma sequência didática sugerida aos docentes como atividades de Educação Física que venham contemplar a inclusão visual em sua condição humana. Nesse caminho, construí uma sequência didática, como sugestão, para ser trabalhada nas aulas de Educação Física que levou em conta os diversos sentimentos e linguagens, em paralelo com essa ferramenta tecnológica e didática de fácil acesso a fim de contribuir verdadeiramente com a inclusão.

Palavras-chave: Educação Física; Inclusão; Operador Cognitivo.

Abstract: This paper is about the importance of the Braille in Physical Education, especially on R. V./ Anagé-Bahia and its students with low vision. In this way, I propose as a general objective an analysis about how the Brazilian sign Language is being used by the regular education in the above-mentioned town. In this context, I still submit a blind teacher's account who works at ACIDE (Conquistense Association for the Integration of the Disabled) that allows me to present her life history, giving me inspiration. “Living in a world without light”. So, I offer the History contained in the short film “The colors of the flowers” as cognitive operator, based on the studies of Morin (2000) that made me understand the human condition in the teaching-learning process as well as the experiences of the teaching practice which I understand have contributed to the improvement of the teaching of Braille in physical education classes in that town. The research followed an approach methodology with the following steps: A) Exploratory period B) Focused Investigation; C) Final Analysis D) Development



of a didactic sequence suggested to teachers as Physical Education activities that contemplate visual inclusion in its human condition. In this path, I built a didactic sequence, as a suggestion, to be worked on in Physical Education classes that took into account the various feelings and languages, in parallel with this technological and didactic tool of easy access in order to truly contribute to inclusion.

Keywords: Physical Education; Inclusion; Cognitive Operator.

1 Marco introdutório

O referido ensaio parte da realidade vivida em sala de aula enquanto professor de Educação Física e da formação que trago como engenheiro agrônomo. A partir dessa ponte, nasce o desejo de metaforizar a temática em questão, uma vez que sou amante da terra, água, do verde e, enfim, das flores, elementos com os quais, certamente, a vida me presenteou. Santos (2018, p. 17), em sua obra *A Pedagogia das Borboletas: Uma Possibilidade para Reformar o Pensamento Docente*, afirma que:

A importância do pensamento metafórico é trazer uma maneira atraente de ensinar e, por meio de uma representação imaginativa, fazer com que os aprendizes adquiram conhecimentos do dia a dia e, assim, despertem o encantamento pelo mundo educacional.

Como questão de pesquisa sugiro: Será a língua de sinais braille um dispositivo de inclusão do aluno com deficiência visual na educação física nas classes comuns de ensino fundamental II em uma escola de Anagé-BA? A hipótese estabelecida nesse cenário faz-me pensar no curta-metragem “As Cores das Flores” (2010), que comove e cria laços, sendo uma reflexão à *condição humana*, como afirma Edgar Morin (2000), fundamental para pensarmos nas diversas situações que se expressam em sala de aula, em especial, na das crianças cegas e/ou com baixa visão.

O objetivo geral do trabalho é analisar como está sendo utilizada a Língua Brasileira de Sinais (Braille) na Rede Regular de Ensino, da Escola de ensino fundamental II, no município de Anagé – Bahia. Como objetivos específicos, apresento: 1- Permitir a participação de alunos cegos e/ou com baixa visão, dando ênfase ao processo ensino e aprendizagem, em especial, nas aulas de Educação Física; 2- Verificar de que forma as atividades físicas contribuem para o desempenho físico de alunos com baixa visão; 3- Partilhar a experiência de vida de uma professora cega como ferramenta pedagógica para o processo de inclusão. Por questões éticas, seu nome será substituído por *Jasmim*, uma vez que os participantes da pesquisa foram previamente esclarecidos sobre o estudo desenvolvido, e, depois, foram solicitadas suas assinaturas ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nessa concepção, o Braille nas aulas de Educação Física: Uma breve reflexão sobre a Inclusão a partir do curta-metragem “as Cores das flores” constitui-se como parte das discussões realizadas no PARFOR (Programa de Formação de Professores), desenvolvido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, num enfoque sociocultural, na afetiva inclusão de cegos nas classes regulares de ensino do município de Anagé, Bahia.

A pesquisa procurou trazer em seu desenvolvimento a abordagem de questões consideradas prioritárias para desenvolver práticas inclusivas na educação de alunos de baixa visão, enfocando de modo específico o BRAILLE como instrumento essencial, apresentando o curta metragem

“As Cores das Flores” como *Operador Cognitivo* para reconstruir a teoria, conceitos, ideias e discussões acerca da realidade centrado na condição humana, como relata Morin: “A importância da hominização é primordial à educação voltada para a condição humana, porque se mostra como a animalidade e a humanidade constituem juntas, nossa condição humana” (MORIN, 2007, p.50-51).

Nessa conjuntura, o papel do professor é rever suas ações, buscando construir/adquirir novas competências, como o domínio da língua brasileira de sinais, pois estudos comprovam que o domínio do braille é o recurso inicial necessário para a verdadeira inclusão, assim como sugere a história que se passa no cenário “as cores das flores”. Sousa e Sousa (2016, p. 43) garantem:

A escrita Braille foi criada por Louis Braille – francês (1809-1852), que perdeu a visão na infância, mas manteve o interesse em estudar, e com apenas 15 anos de idade superou dificuldades para chegar ao novo sistema de escrita destinado a pessoas com deficiência visual.

O estudo também pretendeu conhecer e entender como a inclusão se efetiva, que mudanças se fazem necessárias para a aceitação dos diferentes e quais as possibilidades de aprendizagem nesse novo momento da educação. Assim, busco contribuir com novas propostas de atuação na área da Educação Física voltadas ao braille, uma vez que esse universo pesquisado conta com um número reduzido de profissionais e necessita de ampliação por meio de uma nova visão.

Diante disso, a justificativa para se escrever um artigo sobre a criança com baixa visão no âmbito escolar, em especial, nas aulas de Educação Física, está no fato de que esse cotidiano passa a ser vivido na escola, que acolhe alunos considerados especiais nas suas diferenças, o que levou a uma breve explanação sobre o curta-metragem para a formação de *Operador Cognitivo* que norteia um pensar complexo, acerca da vida e das incertezas presentes no caminho.

No entendimento de Morin (2000), se quisermos pensar de forma complexa, precisamos promover uma profunda reforma no atual modelo de pensar, ou seja, nas formas como hoje percebemos e conhecemos a realidade. De acordo com Almeida (2017, p.58) os operadores cognitivos “[...] facilitam a compreensão da complexidade no mundo, porque permitem reconhecer, no singular, ao mesmo tempo, sua originalidade e sua macro identidade.”

Somente mediante uma reforma do pensamento é que podemos evitar as formas clássicas do modelo de pensamento simplificador e nos munir de instrumentos que permitam a compreensão das múltiplas dimensões da realidade. Contudo, a proposta aqui descrita norteia o pressuposto de que a escola pode oferecer uma prática pedagógica flexível e mais humana a tais educandos, trabalhando o Braille de modo a desenvolver metodologias de ensino que atendam às necessidades desse público, compreendendo que a docência é um trabalho edificador e que precisa de um estudo profundo acerca dos conhecimentos específicos da Educação Especial e do mundo, para atuar nas aulas de Educação Física na atualidade.

2 As cores das flores

O curta-metragem “As Cores das Flores” (2010) foi produzido pela organização espanhola chamada ONCE, sem fins lucrativos, que tem como missão melhorar a qualidade de vida das pessoas cegas no contexto escolar e com dificuldade visual, o que nos faz compreender uma abordagem pedagógica para essas crianças. Na história, o protagonista é um garoto cego,

chamado Diego que no contexto da sala de aula, precisa desenvolver uma redação sobre as cores das flores, assim como seus colegas que enxergam bem. Nesse entendimento, o aluno tem o desafio de cumprir tal lição. Acredito que esse enredo tem o papel de nos ajudar a pensar sobre a realidade em que vivemos nas escolas, as relações entre os seres humanos, o aprendizado advindo da natureza e como encarar a vida, esta, muitas vezes, cruel e escura.

Figuras 1 e 2. Cenas do Curta-Metragem “As Cores das Flores”



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=cenas+as+cores+das+flores>

O menino começa a realizar a tarefa procurando no *google* a definição de cores, mesmo com as dificuldades e limitações que a vida lhe apresenta. Foi pela escuta dos pássaros que teve a ideia de associar esses sons, emitidos por tais aves, com as cores das flores. No enredo, há uma belíssima passagem, em que o personagem diz: “Porque há um passarinho para que cada flor tenha a sua cor”. A ideia aqui é criar leituras, significados, paisagens reais que nos auxiliem a promover compreensões sobre o tema abordado.

Para além dessa vivência do discurso cinematográfico, percebe-se a importância do apoio da família, a exemplo da mãe do menino, para o processo ensino e aprendizagem, o que nos leva a procurar outras informações para uma melhor explicação, muitas vezes, vendadas aos nossos olhos. Em suma, o curta-metragem é um exemplo de superação; mostra o papel da escola de, também, estar aberta às mudanças de ideias e de atitudes que venham proporcionar uma educação inclusiva.

3 Encontros teóricos e metodológicos

Partindo da abordagem qualitativa de Alves (1991), precepei-me com o caráter subjetivo dos sujeitos que apresentam baixa visão da escola municipal Renato Viana, no município de Anagé, Bahia. O *Operador Cognitivo*, nesse caso, “As Cores das Flores”, é o instrumento que me faz discutir a pesquisa em questão ao olhar a condição humana, que me faz melhor conhecer a realidade da sala de aula, criando condições de reflexões para que eu venha intervir no processo educacional. Para melhor esclarecer o conceito de Operador Cognitivo, Santos (2018), em sua obra *Pedagogia das Borboletas: Uma Possibilidade para Reformar o Pensamento Docente*, inspirada pela literatura de Edgar Morin (2000), ensina-nos que:

Operadores cognitivos são situações, imagens, metáforas, conceitos, filmes e narrativas que põem o pensamento em movimento, no repensar, analisar, considerar as dificuldades, em questionar a existência da escola, buscando modificar o que é necessário (SANTOS, 2018, p. 25).

Nesta pesquisa, o curta-metragem me faz pensar nas possibilidades para um trabalho em sala de aula, onde envolvo Educação Física e Inclusão, de forma integrada, humana e criativa. Logo, percorro um caminho metodológico buscando fidedignidade com os pensamentos dos autores em estudo, colocando o pensamento em movimento, com o objetivo de refletir, analisar e redesenhar o cenário da pesquisa, encontrando possíveis soluções para a temática apresentada. Sobre a pesquisa qualitativa, Alves (1991, p. 54), comenta:

A realidade é uma construção social na qual o investigador participa, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística. Conhecedor e conhecimento estão sempre em interação, e a influência dos valores é inerente ao processo de investigação.

Para tanto, três momentos importantes e facilitadores para a compreensão da pesquisa constituirão as etapas do caminho a ser trilhado, à luz da perspectiva de Alves (1991, p. 58), a saber:

A) Período Exploratório – quando ocorre a imersão do pesquisador no contexto, com o objetivo de obter uma visão geral do problema (Exemplo: observação dos alunos de baixa visão em sala de aula).

B) Investigação Focalizada – período no qual se inicia a coleta sistemática de dados, que pode ou não recorrer ao uso de instrumentos auxiliares (Momento de relato da professora cega “Vivendo num mundo sem luz”).

C) Análise Final – momento de análise e composição dos resultados e conclusões informais, colhidos no decorrer da pesquisa.

D) Elaboração de uma sequência didática sugerida aos docentes como atividades de Educação Física que venham contemplar a inclusão visual em sua condição humana.

Vale ressaltar que a coleta de dados será realizada por meio das atividades trabalhadas diretamente com os dois alunos com baixa visão do 7º Ano. Inicialmente, registrarei os pontos importantes para avaliarmos nossas práticas em sala de aula e melhorá-las cada vez mais, favorecendo não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade. Conversar, nesse contexto, significa refletir, trocar experiências, saber ouvir e expor opiniões, como diz Warschauer (2001, p. 179):

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc. [...].

Busco realizar uma análise na perspectiva interpretativa para pensar sobre a experiência da escola com inclusão nas aulas de Educação Física, que constituem um desafio imensurável aos professores, por meio da qual lanço o olhar para *O Braille nas aulas de Educação Física: Uma breve reflexão sobre a Inclusão a partir do contexto “as Cores das Flores”*; o resultado dessas etapas é fundamental para o refinamento da pesquisa, cujas concepções podem se estender para outras áreas do conhecimento. A partir desse cenário, sabe-se que a mudança no ensino é necessária, porém, tampouco vivenciada. O pensamento de Morin (2000) indica a necessidade de compreendermos os desafios e dificuldades humanas e de sermos capazes de nos comunicarmos com a pluralidade, diferenças biológicas, culturais, afetuais e físicas, com vistas a permitir florescer

novos pensamentos para as nossas salas de aula.

4 Relato de história de vida como ferramenta para a inclusão

Acredito que as histórias nos acompanham desde o nosso nascimento e vão se constituindo ao longo da vida como modelo de leituras e aprendizagens, passagens que nos fazem carregar na mente cenários de alegrias ou tristezas, lutas ou superações e, mais tarde, convidam-nos a discutir várias questões sobre o processo ensino/aprendizagem e, conseqüentemente, uma abordagem sobre o viver. Iniciemos esse relato trazendo o discurso de *Jasmim*, pseudônimo que encontrei para atribuir à professora cega, colaboradora da pesquisa, já que essa flor me revela os melhores aromas da vida e, além de tudo, a pureza contida no ser humano. *Jasmim* recorda, traz para o presente o enunciado de um passado cheio de detalhes, já que visitar o passado é fazer desabrochar a vontade de compartilhar histórias. Como afirma Ecléa Bosi (2003, p.233) em sua resenha “O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social”:

A toda hora, somos capazes de recuperar aspectos de nosso passado: é como se nos contássemos histórias a nós-mesmos, alguns chegam a registrá-las em forma de diário. Mas o relato primordial é o que pode ser feito a outras pessoas: através dele, o que vivemos e que é bem nosso ganha uma dimensão social, obtém testemunhas (mesmo que a posteriori), faz com que os outros ampliem sua experiência, através das nossas palavras.

A autora reconstitui sua história ao partilhar as suas experiências, num trabalho que recolhe acontecimentos e lembranças como portadores de significações que nos aproximam da realidade, o que deixa transparecer a emoção e agrega a inclusão. Nessas palavras de sensibilidade humana, a autora revela suas memórias e experiências importantes a todos nós enquanto educadores. Com base no reconhecimento da História, esses relatos trazem uma característica fundamental para o ensino, uma vez que a representação da memória do passado nos faz refletir acerca das visões de mundo e das situações com as quais nos deparamos na sala de aula.

Nessa concepção, a lembrança traz as suas marcas para o presente. A partir dessa reflexão, pode-se perceber que os relatos são verbalizados nessas memórias, influenciados por questões individuais e sociais. E, nesse sentido, caminhamos para o relato de *Jasmim*, esta flor que tece memórias ao falar da temática “Vivendo num mundo sem luz”.

4.1 Vivendo num mundo sem luz

O início desta seção começa com uma profunda reflexão: Como seria viver num mundo sem luz? Acredito que aí habitaria um cenário sem o colorido da vida, de escuridão total, um quadro totalmente preto, e eu, perdido nesse espaço sem fim. Mas será essa a real concepção de quem vive num mundo sem luz? Nessa contextualização, venho apresentar *Jasmim*, professora cega e colaboradora da pesquisa, quem nos ensina que: “Na minha experiência, isso está longe de ser verdade”. É dessa maneira que *Jasmim* apresenta fragmentos de sua história de vida como exemplo da *condição humana*, como propõe Morin (2010), para se trabalhar nos recintos das salas de aula, enquanto sonhadora, capaz de acionar a criatividade e a sensibilidade para o processo ensino-aprendizagem. Assim, presenteia-nos ao dizer: *Viver como uma enxergante é poder tocar no rostinho dos meus filhos e sentir a diferença que existe entre eles.*

Ao propor uma reflexão sobre a seção “Vivendo num mundo sem luz”, penso em cenários que

me fazem compreender os desafios e dificuldades humanas sob o prisma de nossa Humanidade, uma vez que o homem é dotado de falhas, de sonhos e desencantos; amores e desamores; ódio e esperança, mas também, de superações. Por esse motivo, Jasmim nos faz lembrar: *Sinto a limpeza sem poeira através das mãos, a comida quando está pronta através do cheiro, ou, pelo barulho dela, quando por exemplo o arroz está secando*. É preciso mudar o comportamento, distanciar-se do egocentrismo, banir a destruição, reforçando a *condição humana* aqui na terra. Trata-se de pensar no outro em meio às adversidades individuais e reconhecer a contribuição de sua história. Assim diz o filósofo: “A História está sujeita a acidentes, perturbações e, às vezes, terríveis destruições de populações ou civilizações em massa” (MORIN, 2010, p. 42).

Essa citação do autor faz-me recordar da passagem vivida por Jasmim: *Vou me guiando pela bengala e sentindo o toque das ruas, enxergando mentalmente os degraus, as calçadas, os postes e os muros*. Nesse entendimento, Morin (2010), entrelaça a história com o técnico, sociológico, o emocional e o imaginário para expressar um conhecimento mais intenso do viver, que remete à *condição humana*, esta que deixa evidenciado no diálogo a tristeza, o amor, traições, os delírios e a infelicidade. Segundo Jasmim, *A mão tocando em algo, leva a imagem diretamente para a mente, faz a foto, então, eu consigo visualizar*. Tudo isso encerra uma história de situações complexas e se revela numa das mais belas flores que brotam nos jardins das descobertas, exalando a extrema sutileza, fazendo esse discurso traduzir a vida num mundo sem luz.

5 Inclusão visual nas aulas de educação física: uma proposta de sequência didática

Neste artigo, sugiro uma proposta de sequência didática para o ensino da Educação Física à luz dos pensamentos que refletem a inclusão, objetivando o desenvolvimento de atividades, em especial, para pessoas cegas e/ou com baixa visão. A produção apresenta quatro atividades multidisciplinares que visam a melhorar e animar as aulas, que, por muitas vezes, acontecem de forma bastante tradicional. Guiado pelo PCN, ressalto a importância de termos o “compromisso com a construção da cidadania, que pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental” (TEMAS TRANVERSAIS, 1997, p. 12). Nessa vertente, a sequência proporcionará diálogos para uma possível prática docente. Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004, p. 95) definem sequência didática como:

[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito, [...] com a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (2004, p. 97).

Nesse entendimento, um dos objetivos da sequência didática é fazer com que o professor venha refletir sobre diversos assuntos como bases norteadoras para o processo ensino e aprendizagem, permitindo uma melhor interação entre aluno e suas práticas trabalhadas. Segundo Marcuschi (2008), a finalidade de se trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento para realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero. Em suma, essa experiência propicia uma nova maneira de perceber, trabalhar e ensinar por meio da Educação Física sob o olhar da educação inclusiva.

AULA 01: AS CORES DAS FLORES (Tempo 50 min)

Objetivo Geral: Proporcionar atividades de grupo que despertam o conhecimento, respeito, integração e a liberdade de expressão.

Recurso Didático: Cartolinas e Papel crepom

Estratégias: Aula participativa e expositiva

Em se tratando das cores das flores, penso em trabalhar durante minhas aulas de Educação Física modelos de flores em várias cores, usando cartolinas e papel crepom de modo que os alunos respondam questões voltadas a curiosidades e aos conhecimentos gerais que retratam o futebol.

Desenvolvimento: Cada grupo receberá uma flor grande, cujo miolo será a cartela. O grupo que fechar primeiro ganhará o prêmio. Na verdade, todos os grupos serão contemplados. Nesse contexto, será explorado: 1- Nome do rei do futebol; 2- quantos títulos a seleção brasileira possui; 3- cidade e estado onde Pelé nasceu; 4- quem é o goleiro que mais marcou gols no mundo?; 5- qual é o jogador brasileiro que ganhou o prêmio de gol mais bonito da Fifa?; 6- qual é o nome do jogador do Palmeiras que é sinônimo de “lanchas”?; 7- quais os maiores campeões do campeonato brasileiro?; 8- qual foi a seleção adversária da Argentina nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2014?; 9- qual seleção ganhou a copa de 2018?; 10- ganhador da copa de 2006; 11- em qual país ocorrerá a copa do mundo em 2022?; qual o brasileiro que fez mais gols na copa do mundo?. *Respostas:* 1- Pelé; 2- Cinco; 3- Três corações (MG); 4- Rogério Ceni (São Paulo); 5- Neymar; 6- Barcos; 7- Santos e Palmeiras; 8- Itália; 9- França; 10- Itália; 11- Catar; 12- Ronaldo (15 gols).

Vale destacar que a cartela é composta por 12 respostas. Aqui, são algumas sugestões para o possível trabalho ao olhar das cores das flores. É importante o professor observar a turma com a qual está trabalhando e seus desempenhos, bem como as dificuldades que os alunos apresentam. Sugere-se que, nessa atividade, também poderão ser trabalhados desenhos de bolas de futebol grandes para serem as cartelas do bingo e exploradas curiosidades e certos conhecimentos associados ao conteúdo das flores. Nessa concepção, contemplaremos a Educação Física ao olhar das cores das flores.

AULA 02: QUEBRA – POTE (Tempo 50 min)

ATIVIDADE ADAPTADA

Objetivo Geral: desenvolver técnicas de lateralidade, percepção e autoajuda ressaltando a proteção com o outro, bem como a condução e o respeito, atitudes importantes para as aulas de Educação Física e convívio social e moral para a nossa sociedade.

Recurso Didático: Venda, cabo de vassoura, papel machê para fazer o pote ou papel nacarado, contendo bombons, pirulitos, diversos tipos de doces.

Estratégias: Aula participativa

Desenvolvimento: A brincadeira de ‘Quebra-pote’ é muito usada nas festas de São João, mas ela pode ser utilizada em aniversários, em atividades da escola visando a uma maior socialização. A proposta aqui é fazer um quebra-potes com papel machê, já que os de cerâmica se quebram, machucam e são perigosos ao serem despedaçados.

A criança com os olhos vendados precisa acertar o pote, a partir da escuta e das orientações

dadas pelos colegas.

AULA 03: MEU JARDIM (Tempo 50min)

Objetivo Geral: desenvolver o raciocínio lógico, memorização e concentração dos alunos.

Estratégias: Aula participativa em círculo

Desenvolvimento:

1 – Todos sentados em círculo.

2 – Um começa: “Eu planto no meu jardim uma rosa”.

3 – O seguinte diz: “Eu planto no meu jardim uma margarida”.

4 – Um terceiro diz: “Eu planto no meu jardim um jasmim”.

5 – E a brincadeira continua, com o aluno seguinte repetindo o que já foi dito pelos anteriores e acrescentando mais uma flor.

6 – Quem esquecer a ordem das flores torna-se “dorminhoco”; dirá “dorminhoco” e prossegue...

7 – A brincadeira continua enquanto persistir motivação.

A mesma brincadeira pode ser realizada nomeando nomes de pássaros, animais domésticos etc.

AULA 04: O CARRO (Tempo 50min)

Objetivo Geral: Trabalhar os órgãos dos sentidos, em que a percepção tátil e auditiva do aluno é a base para o desenvolvimento da condução, lateralidade, localização espacial e segurança no deslocamento.

Estratégias: Aula participativa

Desenvolvimento: De olhos vendados, um dos participantes será o carro. E outro aluno sem vendas será o motorista. O acelerador é um leve toque na região da coluna; o freio, um leve toque na região da nuca; o volante deve ser toques no ombro direito e esquerdo; a buzina, um toque na orelha. Após as instruções da brincadeira, mandar todos os alunos se movimentarem na sala simulando uma situação de trânsito onde o motorista conduz seu carro sem bater nos outros nem nos obstáculos. Outra variação da brincadeira é fazer um circuito na sala utilizando minicones e outros obstáculos para que o carro (aluno vendado) faça o percurso sem bater o carro. É importante definir bem os limites da brincadeira e retirar do espaço qualquer objeto que possa oferecer riscos aos alunos.

6 Considerações finais

Mais do que avaliar as aulas inclusivas, precisamos valorizar este aluno e tratá-lo com respeito, para garantir a sua permanência na escola. É preciso que o professor esteja preparado para enfrentar possíveis obstáculos e preconceitos referentes à sua prática, pois é a partir da diversidade que podemos chegar a uma educação feliz e mais humana na sua essência. Cabe ao professor de Educação Física a coragem de criar situações de aprendizagem e fortalecer os valores, o que, certamente, contribuirá para elevar a autoestima dos seus aprendizes.

Penso que as leituras de mundo e os vídeos são algumas das ferramentas importantes, indissociáveis, para compreensão da realidade que nos cerca, fazendo-nos reconfigurar sentidos atrelados à nossa prática educacional e favorecendo muitas outras análises para um momento crítico e mais responsável para com a prática docente.

Aqui, *as cores das flores* são tomadas como uma “reserva poética do pensamento humano” no sentido reverberado por Almeida (2017), manifestando a capacidade de imaginação e criatividade para falar do cenário da escola, linguagem capaz de operar cognitivamente no deslocamento de um pensamento racionalista para um pensar poético. Assim, a autora nos diz: “A ciência é uma expressão da cultura, uma construção humana, uma forma particular de diálogo entre cientistas e acadêmicos, e destes com os fenômenos que procuram explicar, entender, modificar” (ALMEIDA, 2017, p. 133).

É preciso olharmos *as cores das flores* para propormos novas possibilidades e contextos às nossas salas de aula, avivando o cenário da inclusão e contribuindo para a formação ética dos nossos alunos, colocando em evidência a condição do homem aqui na Terra, para que, dessa forma, possamos lançar uma educação que venha corresponder com a complexidade da vida e os problemas que hoje existem nos espaços educacionais.

Referências

ALMEIDA, M.C. **Ciências da Complexidade e Educação – razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal, RN: EDUFRN, 2017.

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno Pesquisa**, n.77, p. 53-61, 1991.

AS CORES das flores (Las colores de las flores – original). Direção: Miguel Bemfica. Produção: Luciano Firmo. ONCE; JWT, 2010. 1 vídeo (4 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiQpPM>.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.95-128, 2004.

FERREIRA, E. L. **Confederação Brasileira de Dança em cadeiras de rodas**. Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência. v. 1. Mogi das Cruzes, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTOS, G. C. **Pedagogia das borboletas**: uma possibilidade para reformar o pensamento docente. Vitória da Conquista, Bahia, UESB, 2018.

SOUSA, A. C.L.L; SOUSA, I. S. A inclusão de alunos com deficiência visual no âmbito escolar. **Estação Científica (UNIFAP)**, v. 6, n. 3, p. 43, set./dez. 2016.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.